

Dívida: só a conversão

A opinião é do banqueiro inglês John Quinton. Para ele, a instabilidade política e

não resolve.

econômica do Brasil torna cautelosos os credores.

Os problemas do Brasil com seus credores estrangeiros serão resolvidos só até certo ponto por meio da conversão de parte da dívida externa em investimentos. A opinião é do presidente do **Barclays Bank** — o segundo maior banco da Inglaterra —, John Quinton, que sintetizou o pensamento de muitos empresários e diretores de instituições financeiras britânicas que se reuniram ontem no Seminário Anglo-Brasileiro promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro. No mesmo encontro, ficou claro que as conversões serão irrisórias e que os credores prefeririam fazer investimentos diretos.

Fernando Bueno

É o caso do próprio **Barclays Bank**, para o qual o Brasil deve cerca de US\$ 700 milhões e que analisa com muita cautela a ideia da conversão, mas que não deverá aplicar mais do que "algumas dezenas de milhares de dólares" nesse processo durante alguns anos. John Quinton explicou que a instabilidade política e econômica do País é um dos motivos que levam os credores a terem cautela.

Também o vice-presidente e diretor-executivo do **London & Continental Bankers**, George Hoffman, afirmou que "os bancos estrangeiros não estão muito interessados na conversão da dívida". Mas — salientou —, não têm muita escolha: ou aceitam isso, ou abatem as dívidas do ativo da empresa. De qualquer modo, certamente vão optar por empreendimentos que tenham um planejamento estratégico sólido.

O diretor do **N. M. Rothschild & Sons**, Charles Alexander, disse por sua vez que seria preferível fazer investimentos diretos. O problema da conversão, segundo ele, é que há um grande déficit no Brasil, o que reduz a liquidez de seu mercado. Já de acordo com o diretor do **Morgan Grenfell**, Nicholas Pitts-Tucker, os países que implantaram o sistema de conversão conseguiram resolver 10% do total da dívida, no máximo.

Más previsões

O presidente do **Barclays Bank**, John Quinton, que esteve presente à reunião do Fundo Monetário Internacional na semana passada, disse que este chegou à conclusão de que o crescimento dos países desenvolvidos está sendo afetado pelas dificuldades dos países em desenvolvimento, principalmente da América Latina. A reunião do FMI concentrou-se em três pontos: a falta de crescimento dos países industrializados, a dificuldade de solução para as dívidas dos países menos desenvolvidos e a flutuação da taxa cambial. Quinton disse não acreditar que o dólar possa se recuperar a curto prazo, e também previu que o mercado de **commodities** se reduzirá a partir do segundo semestre de 88.

Em painel especial sobre a experiência inglesa de privatização, o assessor econômico do banco **Lloyds Mercantil**, Roger Bootle, destacou a importância da concorrência para melhorar o padrão de eficiência das empresas. As companhias inglesas que eram monopolistas antes da privatização, segundo Bootle, não tiveram melhoras efetivas, ao passo que a eficiência aumentou nas que foram submetidas à concorrência. Negou que a privatização tivesse sido a responsável pela queda da inflação na Inglaterra, de 22% (quando a primeira-ministra Margaret Thatcher foi eleita) para 4,5% nos dias atuais, mas disse que o processo teve efeitos bastante positivos nas empresas que entraram na lista das privatizáveis. Este ano, segundo Bootle, a Inglaterra vai captar, com as privatizações, o equivalente a 3,5% das despesas totais do governo.

Simonsen: voltar ao mercado será difícil.

Recuperar o acesso ao mercado financeiro internacional voluntário não será o suficiente para o Brasil, disse ontem o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, que explicou: o País terá de enfrentar nos próximos anos uma "aritmética desagradável" ligada ao problema da sobrevivência dos países devedores. E, para pagar a dívida, dependerá do volume de recursos vinculados ao crescimento das exportações e também das taxas de juros internacionais, duas variáveis que os banqueiros estrangeiros não podem controlar.

"Não há provas de que os países devedores estejam insolventes, mas os bancos credores vão ter de fazer reservas de qualquer jeito", sugeriu o ex-ministro, lembrando que nos anos 70 as exportações dos devedores eram altas e as taxas de juros internacionais muito baixas, ao contrário do ocorrido na década seguinte, com a crise de liquidez desses países.

Simonsen foi um dos convidados pela Associação Comercial do Rio de Janeiro para o Seminário Anglo-Brasileiro, que debateu ontem questões como dívida externa, investimentos estrangeiros e privatização. Disse que a transferência de recursos do Brasil para o Exterior é muito elevada e que o País não poderia voltar a ser o tomador de empréstimos que foi, nas décadas de 60 e 70.

Sobre a proposta de transformação de parte da dívida em títulos com desconto, ele disse que seria uma boa ideia, mas reiterou que são necessárias garantias adicionais para estes papéis, como o aval do Banco Mundial ou de uma agência internacional que pudesse comprá-los.